

**A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL:
PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA
COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL**

***THE PERSPECTIVE OF THE RISK OF DEATH IN THE JORNAL
NACIONAL: CONSIDERATIONS ON THE THEMATIC ORGANIZATION
IN THE COVERAGE OF THE CORONAVIRUS IN BRAZIL***

Michele Negrini¹ (UFPEL)

Natália Redü²

Resumo: No telejornalismo, a morte é abordada cotidianamente. No caso da cobertura da pandemia do coronavírus, o risco de morte é tema amplamente presente. Desta forma, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre como o risco de morte é abordado no Jornal Nacional. Tal estudo será feito sob o olhar teórico-metodológico de modo de endereçamento. Para tanto, a pesquisa propõe-se a analisar a organização temática da edição do telejornal que foi ao ar em 23 de março de 2020, para verificar como o risco de morte organizou a edição.

Palavras-chave: Telejornalismo; Risco de Morte; Coronavírus; Jornal Nacional; Modo de Endereçamento.

Abstract: *In television news, death is approached daily. In the case of coverage of the coronavirus pandemic, the risk of death is a widely present theme. Thus, the purpose of this article is to reflect on how the risk of death is addressed in the Jornal Nacional. Such a study will be carried out under the theoretical-methodological approach of addressing mode. To this end, the research proposes to analyze the thematic organization of the edition of the newscast that aired on March 23, 2020, to see how the risk of death organized the edition.*

Keywords: *Telejournalism; Risk of death; Coronavirus; Jornal Nacional; Addressing mode.*

¹ Doutora em Comunicação pela PUC RS. Tem Pós-Doutorado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br. Orcid: orcid.org/0000-0003-2999-0186

² Jornalista formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Email: nataliaredu@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0003-1449-1392

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

1. Perspectivas introdutórias

Um assunto que tem tomado amplamente a pauta das mais diversas sociedades desde o final do ano de 2019 é o novo coronavírus³. O novo vírus, que foi descoberto na China, é responsável por causar a doença que é conhecida como Covid-19⁴.

A transmissão se dá através de gotículas respiratórias provindas de pessoas infectadas. De acordo com o site da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), a doença tem como sintomas principais: febre, cansaço e tosse seca. O site ainda assinala que algumas pessoas infectadas podem apresentar dores, congestão e corrimento nasal, além de dor de garganta e diarreia. “Uma em cada seis pessoas que recebe COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade em respirar”. (OPAS, web, s/p).

Alguns países, como Itália, França e Espanha, tiveram destaque pela acentuada propagação do vírus e pelo elevado número de mortes. Matéria do G1 publicada em 6 de abril aponta que a Europa, na data, tinha mais de 50 mil mortos devido ao novo coronavírus e que um levantamento feito pela agência de notícias France Presse assinala que 85% das mortes se deram na Itália, Espanha, França e Reino Unido.

Outro local com elevado número de mortes devido à doença são os Estados Unidos. Reportagem publicada pelo G1, em 12 de abril, informa que os EUA tiveram 1920 óbitos por coronavírus em 24 horas. A publicação ainda diz que, na ocasião da realização da reportagem, o país era o que tinha maior número de casos e mortes em todo o mundo, chegando a 530 mil casos com confirmação e ao número de 20,6 mil mortes.

Em relação ao contexto brasileiro, Rafael Alves, em texto publicado no Jornal Estado de Minas, informa que a confirmação do primeiro caso de coronavírus, feita pelo Ministério da Saúde, se deu em 26 de fevereiro. Alves ainda assinala que foi em 17 de março que ocorreu a primeira morte no país. Ao falar do número de mortes na seara brasileira, matéria do G1, publicada em 12 de abril, aponta que no dia da publicação havia 1223 mortes e

³ A Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), através de seu site, dá informações sobre o vírus: “Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19” (OPAS, web, s/p).

⁴ O portal da Fiocruz aponta que COVID significa COrona VIRUS Disease (Doença do Coronavírus) e que o 19 está relacionado ao ano de 2019 (no final de 2019, os primeiros casos foram conhecidos em Wuhan, na China).

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

22169 casos confirmados. A matéria ainda traz a informação de que no período de 24 horas ocorreram mais de 1442 casos e 99 mortes no país. E no dia 8 de agosto, segundo informações do Uol, o Brasil ultrapassou o número de 100 mil mortos em decorrência da Covid-19.

Com a propagação do coronavírus em nível mundial e no território brasileiro, ele passou a ser pauta constante nos mais diversos meios de comunicação. As abordagens foram diversas e amplas. Os veículos de comunicação passaram a mostrar assuntos como a forma como o vírus afeta a rotina das pessoas, as medidas de contenção do vírus e as formas de prevenção. Ainda passaram a dar informações atualizadas sobre o número de casos confirmados no Brasil e no mundo e sobre as mortes já ocorridas. Passaram também a colocar a sociedade em vigilância para os riscos causados pelo vírus, inclusive para o risco de morte.

A remissão ao risco de morte passou a ser visualizada em vários âmbitos nos veículos de comunicação, como nos alertas para os problemas da saúde no Brasil e para a falta de leitos nas Unidades de Tratamento Intensivo. Entre os telejornais que passaram a dar amplo espaço em sua pauta para o coronavírus e para o risco de morte, cabe apontar o Jornal Nacional, um dos mais assistidos⁵ telejornais no Brasil.

A partir da divulgação do coronavírus e do risco de morte no Jornal Nacional, este estudo tem como objetivo refletir sobre como o risco de morte é abordado no telejornal e sobre como o assunto organiza a edição que foi ao ar no dia 23 de março. Vamos tomar o olhar teórico-metodológico de modo de endereçamento.

2. Telejornalismo e morte

A morte é uma temática permeada por complexidades e ela assume diferentes interpretações e significações entre os seres humanos. Desta forma, para entendermos as manifestações da finitude humana nos meios de comunicação e no espaço do telejornalismo, precisamos abordar algumas discussões que dão bases sobre o assunto.

A partir do pensamento de Simmel (1998), entendemos que a morte é estrutural para que o homem tenha conhecimento de si mesmo, pois ele só se reconhece a partir da

⁵ Segundo informações de reportagem do Portal Terra de 14 de dezembro de 2017, naquele ano, o Jornal Nacional teve uma média anual de audiência próxima aos 30 pontos.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

aceitação de sua condição de finito, de mortal. E a consciência do fim é uma perspectiva que é constitutiva para os seres humanos. O autor acrescenta:

Pode-se ver claramente a significação da morte como criadora de forma. Ela não se contenta com limitar nossa vida, quer dizer, dar-lhe forma à hora do desenlace; ao contrário, a morte é para a nossa vida um fator de forma, que vai matizar todos os seus conteúdos, fixando-lhe inclusive os limites. A morte exerce a sua ação sobre cada um dos seus conteúdos e dos seus momentos; a qualidade e a forma de cada um deles seriam outras se lhes fosse possível sobrepor-se a esse limite imanente (SIMMEL, 1998, p. 178-179).

O homem precisa ser entendido na sua totalidade. E é na totalidade do ser que a morte deve ser analisada. A morte não pode ser vista desvinculada de um contexto de vida e como um acontecimento isolado (NODARI, 2007). A morte é um eixo norteador das culturas ao longo da história. Segundo Castells (1999), o tempo na sociedade e na vida é medido pela morte. É ela que estabelece o tempo cronológico da vida do homem.

Brustolin (2007) diz que não é possível, para o homem, enxergar a morte apenas como o fim das funções fisiológicas, como sendo a negação da vida ou o fim do sujeito. Como o ser humano tem consciência de sua finitude, ele tem conhecimento de suas limitações e age de forma a construir a sua vida e a se constituir, não se deixando guiar apenas por impulsos biológicos.

Falar da morte é falar de vida. Não se pode pensar em viver sem tratar do morrer. A vida e a morte estão intimamente conectadas. Presente e futuro nos fascina tanto, porque queremos vislumbrar as conquistas e realizações, quanto nos atemorizam a frustração, o limite e o fim (BRUSTOLIN, 2007, p. 7).

A relação dos seres humanos com a morte é importante para o delineamento da vida (DASTUR, 2002). O entendimento da condição de mortal por parte do ser humano é um fator que faz com que a vida tenha sentido. Rodrigues (1983) aponta que a consciência da morte é o fator mais essencial na diferenciação do homem em relação a outros animais. Negrini (2010, p.18), a partir das ideias de Rodrigues (1983), reflete:

Os outros animais, como não possuem capacidade de se reconhecerem como indivíduos, não conseguem ter a consciência de sua finitude (RODRIGUES, 1983). A consciência da morte é uma das maiores conquistas construtivas do homem, ela dá bases para constituição do homem.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

No olhar de Bayard (1996), como ninguém passou pela experiência da morte, não há pessoa que possa falar sobre ela com autoridade e só é possível ter suposições. Para Chiavenato (1998), a finitude humana é um tema amplamente controverso e delicado. E ao falar da morte, Edgar Morin (2005) aponta que é na morte que o ser humano constrói um entendimento de si mesmo.

A morte é um assunto visualizado de diferentes formas, dependendo de fatores como os pontos de vista e a cultura das sociedades onde ela se dá. Rodrigues (1983) faz alusão a perspectivas históricas e culturais ao refletir sobre a morte.

Seja do ponto de vista dos seus estilos particulares de acontecer aos indivíduos, seja do ponto de vista de sua rejeição pelas práticas e crenças, seja sob o ângulo de sua apropriação pelos sistemas de poder, a morte é um produto da história. Ao mesmo tempo, a história, tanto quanto produto da vida dos homens em sociedade, é resultado da morte deles. As sociedades se reproduzem porque seus membros morrem (RODRIGUES, 1983, p. 115).

A partir do pensamento de Rodrigues (1983), cabe apontar que o reconhecimento da finitude é um fator importante para a preservação da cultura, pois, na medida em que o homem reconhece a possibilidade de seu fim, ele tem a preocupação da manutenção de sua herança cultural, de transmitir seus hábitos, conhecimentos e costumes.

A morte, que é um assunto tão significativo na seara da manutenção de perspectivas históricas e culturais da humanidade, tem os meios de comunicação e o espaço de redes sociais como vitrines. O jornalismo também se mostra como um local de difusão da finitude humana entre os públicos.

Mouillaud (2002), falando do jornalismo impresso, aponta que diferentes “locais” são atribuídos à morte no jornalismo cotidiano. Ele assinala que, neste espaço, há mortos de serviço, que compõem a necrologia; mortos acidentais; mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca por ser conhecido, famoso.

Falando sobre os mortos que têm espaço nos meios de comunicação, Fausto Neto (1991) aponta que não é qualquer morto que vai ser apresentado na TV. Ele diz que têm espaço no meio televisivo aqueles mortos que, quando vivos, tiveram destaque no sistema social (FAUSTO NETO, 1991) ou que tiveram seu fim em situações peculiares, espetaculares

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

e que merecem destaque. O autor ainda diz: “Ricos, pobres, pessoas, indivíduos, ‘olimpianos’ de diferentes matizes, funcionam como espécie de insumos da ‘economia discursiva’ da comunicação, segundo as diferenças que caracterizam os múltiplos sistemas de operação” (FAUSTO NETO, 1991, p. 15).

Ao analisar os mortos apresentados na TV, Negrini (2010, 169) se posiciona em relação ao telejornalismo, falando mais especificamente do Jornal Nacional e do Jornal da Band: “No caso do Jornal Nacional e do Jornal da Band, as mortes que têm espaço são aquelas ‘diferenciadas’, que fogem da normalidade cotidiana, que têm detalhes picantes e espetaculares, e que podem chamar a atenção do público [...]”.

E é sobre a morte no telejornalismo que recai o nosso interesse neste estudo. Vamos nos focar, mais especificamente, na observação da apresentação de matérias sobre o risco de ocorrência da morte, devido ao coronavírus, no Jornal Nacional.

3. Modo de Endereçamento

Como nosso interesse recai sobre a observação da forma como a temática do risco de morte, devido ao coronavírus, organiza a edição do Jornal Nacional de 23 de março de 2020, vamos recorrer ao suporte do referencial teórico-metodológico de modo de endereçamento.

Para Itania Gomes (2007), o conceito de modo de endereçamento tem origem na análise fílmica e, desde os anos 80 do século XX, passou por ressignificações para ser usado em observações de como programas televisivos têm relações com o público.

A pensadora Elizabeth Ellsworth (2001), ao fazer ponderações sobre modo de endereçamento, aponta que o termo tem um aporte teórico e um peso político: “O modo de endereçamento é um termo dos estudos de cinema, um termo que tem um enorme peso teórico e político. Aprendi sobre ele nas aulas sobre cinema e sobre mudança social. É a isso que se resume: quem este filme pensa que você é?” (p.11). Ela ainda assinala que teóricos do cinema desenvolveram a perspectiva de modo de endereçamento para tratar, com especificidades do cinema, de algumas questões significativas aos estudos da sétima arte, à crítica da arte e da literatura, à sociologia, à antropologia, à história e a educação.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

Essas questões têm a ver com a relação entre o “social” e o “individual”. Questões como: “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo leitor, uma pintura e a emoção da pessoa que a contempla, uma prática social e a identidade cultural, um determinado currículo e sua aprendizagem?”. Em outras palavras, qual é a relação entre o lado de “fora” da sociedade e o lado de “dentro” da psique humana? (ELLSWORTH, 2001, p.12)

As colocações de Ellsworth remetem à relação entre um texto e o público, e, no caso do jornalismo, entre o meio de comunicação e integrantes do público. A partir do pensamento dela, é possível inferir que modo de endereçamento tem relações com as formas que determinado programa interpela o público. Assim, é importante apontar que estilo de um programa e posição de sujeito são pontos importantes quando falamos de modo de endereçamento. “Da mesma forma, existe uma ‘posição’ no interior das relações e dos interesses de poder, no interior das construções de gênero e de raça, no interior do saber, para a qual a história e o prazer visual do filme estão dirigidos”. (ELLSWORTH, 2001, p.15).

A partir do pensamento de Ellsworth, cabe convocar o pensamento de Gomes (2007) quando diz que as relações de um programa com a audiência têm ligações com modo de endereçamento. Negrini (2018) faz reflexões sobre o pensamento de Itania Gomes:

A autora toma o conceito de modos de endereçamento na perspectiva do modo como um determinado programa se relaciona com o público a partir da construção de um estilo próprio de transmissão de informações. Um modo de dizer específico é voltado para determinados receptores. O estilo do texto leva à constituição do sujeito receptor implícito (NEGRINI, 2018, p.110).

Modo de endereçamento pode ser apontado como uma forma de relação de determinado programa com a sua audiência a partir da construção de um estilo. O estilo assumido por um telejornal está relacionado com uma constituição de espectadores esperada. O estilo é um fator demarcador da identidade de um telejornal. Gomes (2007) aponta quatro operadores de análise de modo de endereçamento: 1 - o mediador⁶; 2- o contexto comunicativo⁷; 3- o pacto sobre o papel do jornalismo⁸; 4 - organização temática.

⁶ Os mediadores são agentes importantes no estabelecimento das formas de relação entre um telejornal e o seu público, podem ser, no telejornalismo: apresentadores, repórteres, comentaristas, editores e cinegrafistas.

⁷ Em relação ao contexto comunicativo, cabe acionar, a ideia de que um telejornal tem relações com as circunstâncias da emissão, da recepção e de todo o processo de comunicação. Ao falar sobre este operador, Negrini (2018, p.113) recorre a Gomes: “Analisando o contexto comunicativo, Gomes (2007) destaca que um

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

Neste trabalho, estamos nos focando na observação de como a temática do risco de morte causado pelo coronavírus organiza o Jornal Nacional. A organização temática de um telejornal tem ligações com o destaque dado a determinado assunto, em detrimento de outros, e com a forma que este assunto organiza o telejornal.

4. Perspectivas Analíticas

O corpus do presente artigo é composto pela edição do Jornal Nacional que foi ao ar no dia 23 de março de 2020. Tal programa é o noticioso de maior audiência e credibilidade no Brasil. Via de consequência, confere ao telespectador confiança a respeito das informações e notícias por ele apresentadas.

O Jornal Nacional é um informativo televisivo que está no ar desde 1969, sendo o primeiro jornal a ser transmitido em rede nacional, além de ser o “programa mais antigo em exibição na televisão brasileira” (GOMES, 2010, p. 05). Desde sua estreia até hoje, é um jornal de referência, não só pelo seu conteúdo, mas também pela sua produção e formatação, eis que sempre contou com grandes investimentos e aparatos tecnológicos. Por conta disso, conquistou audiência, respeito e credibilidade perante os espectadores.

A pluralidade de temáticas veiculadas pelo Jornal Nacional (por exemplo: economia, política, esporte e, inclusive, a morte) faz com que os assuntos sejam debatidos em âmbito nacional, promovendo uma integração das diversas regiões brasileiras através do acompanhamento das notícias do jornalístico.

No caso em apreço, facilmente se constata que a abordagem feita pelo Jornal Nacional na edição analisada insere a morte como um valor-notícia. Como observa Traquina (2005, p. 79):

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo

determinado telejornal tem como prática a apresentação dos seus participantes, dos seus objetivos e dos seus modos de comunicar”.

⁸ O pacto sobre o papel do jornalismo é um importante operador de análise, pois adentra na observação de algumas rotinas produtivas do programa. Gomes (2007) destaca que este operador tem ligações com a forma como o telejornal lida com pontos importantes do jornalismo, como objetividade, imparcialidade, fatualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como trabalha com a ideia de verdade, pertinência e relevância da notícia e com quais valores-notícia opera.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é “Quantos corpos? ”.

Assim, é pelo viés de modo de endereçamento que será analisado o Jornal Nacional, observando organização temática a respeito da morte diante da pandemia provocada pelo coronavírus. Vamos nos deter em dispensar olhares sobre como o tema do risco de morte organizou a edição em análise.

A edição objeto da análise começa de modo habitual, com a escalada. Os apresentadores se revezam para anunciar as principais manchetes do dia, todas elas relacionadas ao coronavírus em âmbito nacional e internacional. Feita a escalada e apresentada a vinheta do noticioso, antes de adentrar no mérito das notícias, o apresentador William Bonner pede que todos façam uma pausa. Diante da situação atípica que o país está passando, o apresentador relata que o volume de informações a serem repassadas ao público, bem como os desafios enfrentados diariamente, são inúmeros e, por conta disso, solicita que a população mantenha a calma.

A partir das palavras de Bonner, há o início de um diálogo entre ele e a apresentadora Renata Vasconcellos, enunciando na perspectiva de pedir calma ao público e de destacar que estamos vivendo em um momento único, de muita tensão. A realização da conversa entre os dois apresentadores no início do programa não é algo comum no JN, o que demonstra que o telejornal vai dar significativa importância ao coronavírus e que quer colocar a sociedade em alerta para a existência do vírus e dos riscos causados por ele. Apesar de os dois apresentadores estarem pedindo calma, é perceptível nas suas palavras que o vírus é motivo de preocupação e que oferece riscos à população.

Como é evidenciado na FIGURA 1, os dois apresentadores estão usando roupas com cores sóbrias, o que projeta sentidos de que a edição do dia é direcionada a uma temática dotada de tristezas. Renata veste preto e Bonner veste cinza escuro, o que remete a eles estarem no ar em um telejornal que requer sobriedade, que vai tratar de um tema delicado para todos.

FIGURA 1 – Renata e Bonner dialogam comentando a situação do coronavírus no início do programa



(Fonte: reprodução/ GloboPlay).

Continuando o diálogo, Renata pontua que o Brasil vive uma crise muito grave e que é necessário respeito e observância por todos acerca das recomendações de saúde proferidas pelas organizações de saúde responsáveis. Bonner salienta também que é indispensável respirar e entender que toda e qualquer crise tem seus altos e baixos, que a situação exigirá sacrifícios de todos, mas que, ao final, não só o Brasil, mas o mundo todo irá superar este momento tão delicado.

Durante o diálogo, foi amplamente alertado que é mantendo a calma que será possível superar esses momentos de dor e aflição. Também foi retomada a importância do cumprimento dos cuidados de saúde e salientado à população que tenha consciência e fique em casa, permitindo que aqueles profissionais que trabalham em atividades essenciais (como médicos, policiais, garis, técnicos de telefonia, jornalistas, entre outros) possam se deslocar com um pouco mais de segurança e com menos aglomerações.

Bonner segue destacando que, no jornalismo, não são apenas eles, os apresentadores, que permanecem trabalhando. Enaltece toda a equipe de produção e técnica que os acompanha diariamente, colaborando para que todas as informações cheguem ao telespectador de forma clara e segura.

Ao falar do trabalho dos jornalistas, Renata aponta que eles estão voltados a reunir informações para ajudar, para deixar o público atento e informado. “[...] informação em um momento desses é vital, é fundamental, é como lavar as mãos, tem que lavar, e a gente tem que se informar”, diz a apresentadora. Bonner acrescenta: “Reparem uma coisa: quando a Globo aumentou o tempo diário que é dedicado ao jornalismo, foi exatamente para levar essa informação necessária sem correria. É para você ver e ouvir o que está acontecendo e pra você saber como deve agir para se proteger”. Nas palavras dos dois apresentadores, fica nítido o

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

destaque à importância do jornalismo. E nas palavras de Bonner se verifica uma referência à própria Rede Globo: é a emissora fazendo autorreferência.

Os apresentadores dão ênfase à perspectiva de que o jornalismo é um instrumento de auxílio à proteção contra o vírus. Desta forma, cabe inferir que, no diálogo deles, dá para perceber o alinhamento para um papel de referência do jornalismo e de colocar a sociedade em vigilância. Os dois apresentadores terem começado o programa com um diálogo mostra a tentativa do programa de aproximação com o público na cobertura aos fatos relacionados à pandemia e de se colocar como um aliado do cidadão na vigilância social e no combate ao vírus.

Na sequência, de forma humana e se colocando em posição de igualdade com o telespectador, o jornalista relata que também tem medo de adoecer, eis que ninguém é super herói. Contudo, afirma que eles, jornalistas, seguem trabalhando para honrar o compromisso de levar informação de qualidade ao telespectador. A âncora Renata Vasconcellos explica que os colegas com mais de 60 anos estão trabalhando em regime de “home office” e que aqueles que apresentam sintomas gripais foram encaminhados para suas casas e, portanto, estão cumprindo com as regras e protocolos repassados pelos órgãos de saúde. A jornalista ainda esclarece que a equipe de trabalho está tomando todas as precauções possíveis, mantendo o distanciamento e procedendo a frequente higienização dos equipamentos. As falas de Bonner e de Renata sobre os riscos que os jornalistas estão correndo por estarem trabalhando e sobre os cuidados da emissora em proteger os profissionais com mais de 60 anos demonstram que a Globo, como instituição, está prezando pelos jornalistas e que está preocupada em combater com a pandemia e prezar pelo resguardo de seus profissionais. As falas demonstram também que a emissora está preocupada com os riscos da doença, inclusive o risco de morte.

Bonner encerra esta introdução atípica agradecendo o carinho das pessoas que manifestaram preocupação com os jornalistas e, então, prossegue com a apresentação das matérias jornalísticas ressaltando que irão apresentar todas as informações possíveis para que todos se protejam e para a superação da crise.

A primeira reportagem apresentada diz respeito às mensagens prolatadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), destacando que o vírus já chegou em todos os países. Alerta que a população não deve se sentir impotente, mas que deve se engajar para mudar a

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

trajetória da pandemia e, para isso, mostra união entre OMS e FIFA nas campanhas de combate à doença. A reportagem ainda mostra fala do Diretor Geral da OMS, Theodoros Adhanom Ghebreyesus, em que ele afirma que ainda não há tratamento comprovadamente eficaz para combater o vírus e alerta a população que o uso de medidas não comprovadas pode causar mais danos à saúde. Salienta, também, a importância de união para ajuda dos países mais ricos aos mais pobres.

Ao usar as palavras do diretor da OMS, fica evidente que o JN quis usar uma fonte com autoridade para falar sobre o vírus e para apresentar os riscos que ele oferece para a população do mundo todo. Na medida em que é apresentada a fala de Theodoros, apontando que não há um tratamento eficaz ao vírus, o telejornal deixa, de forma subentendida, que as pessoas correm riscos, inclusive de morte. A reportagem mostra informações gráficas elucidando o crescimento da propagação do vírus, como mostra a FIGURA 2. A apresentação gráfica produz sentidos de que o coronavírus está sendo propagado e que as pessoas precisam estar em alerta, que há riscos constantes.

FIGURA 2 – Informações gráficas relativas ao JN sobre casos do coronavírus no mundo



(Fonte: reprodução/ GloboPlay).

Após a apresentação de reportagem sob a ótica mundial, é veiculada reportagem detalhando a situação no Brasil, em que é feito um retrospecto do número do aumento de casos e evolução da doença desde a primeira confirmação, pontuando que já há mortes registradas pelo coronavírus. É feito alerta de que o cumprimento das medidas já delineadas pelo governo e órgãos de saúde é essencial para frear a curva do avanço da doença, ressaltando que medidas simples, como higienizar o microfone do jornalista e lavar com frequência as mãos, podem sim ser muito eficazes no combate à doença.

Para ilustrar as medidas tomadas pelo governo brasileiro no enfrentamento à pandemia, é mostrado trecho de entrevista coletiva do Ministro da Saúde, Luiz Henrique

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

Mandetta, em que ele afirma que o governo está negociando com empresas a respeito do aumento da capacidade de produção e aquisição de respiradores. Ele ainda esclarece que existe um trabalho conjunto do governo com setores privados, cientistas e universidades públicas e privadas na busca para soluções brasileiras próprias para o enfrentamento da crise. Por fim, menciona que dentre as prioridades do governo está o aumento de testagem da população, informando que já existem 11 testes aprovados pela ANVISA. Na reportagem, novamente, recursos gráficos são convocados, conforme a FIGURA 3. O uso de informações gráficas reitera os sentidos de que a disseminação do vírus é grande e de que há um crescimento dos casos.

FIGURA 3 – Informações gráficas relativas ao JN sobre evolução dos casos do coronavírus no Brasil



(Fonte: reprodução/ GloboPlay).

O noticioso segue com reportagem que mostra o Coordenador do Centro de Contingência do Estado de São Paulo, David Uip, em casa, em isolamento domiciliar, por ter testado positivo para o vírus. O médico fala, por mensagem de vídeo, ao público do JN: “Estou bem, febre baixa, tosse e repouso. Ficarei em quarentena por 14 dias. Espero voltar rápido às minhas atividades”. A fala do profissional da saúde é uma demonstração do telejornal de que o vírus oferece perigos, mas que pode ser vencido e que há cura.

O programa segue com várias reportagens apresentando a temática do coronavírus. São mostrados como Estados e Cidades diferentes têm conduzido suas políticas públicas no enfrentamento do vírus, alertando para os aspectos positivos de tais medidas e o que ainda precisa ser melhorado. Também é destacado como regiões mais pobres, em especial as favelas, têm se organizado para o enfrentamento do vírus, mostrando união do setor público com líderes comunitários e da própria população em ajudar o próximo.

Na matéria sobre o coronavírus em comunidades mais carentes, William Bonner introduz ressaltando números da pandemia no Rio de Janeiro, em comunidades carentes, na

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

data da edição: “No Rio de Janeiro, há 61 casos suspeitos de coronavírus em comunidades carentes. E um confirmado, na Cidade de Deus. Pra conter a proliferação da doença, voluntários estão indo de porta em porta para oferecer ajuda”. Na reportagem é focado que os números do vírus em comunidades preocupam autoridades e moradores, os quais começaram a se mobilizar. São mostradas iniciativas de populares, como a de um homem com uma caixa de som em uma bicicleta falando de como fazer a prevenção (FIGURA 4)

FIGURA 4 – Homem divulgando formas de prevenção ao coronavírus na Cidade de Deus



(Fonte: reprodução/ GloboPlay).

A FIGURA 4 é dotada de significados e enfoca que a luta contra o vírus deve partir de todos e que é um trabalho coletivo. Ainda no decorrer da reportagem, um médico é acionado em uma sonora destacando que a única forma de reduzir a infecção pelo vírus é a higiene pessoal e o isolamento social. Líderes comunitários são trazidos para a reportagem, falando de iniciativas que são importantes para a resolução do problema. E no decorrer da matéria, ações de combate ao vírus são enfocadas, ficando nítido o alerta para que a população se conscientize sobre a necessidade de cumprimento dos cuidados com higiene.

Da mesma forma, o telejornal destaca a importância de buscar sempre informações seguras. Isso porque, infelizmente, têm circulado mensagens falsas em redes sociais e whatsapp, que apenas causam pânico e medo, em nada contribuindo para o enfrentamento da doença. Uma matéria sobre as fake News é apresentada. Renata Vasconcellos introduz a reportagem: “No momento em que a informação segura pode ajudar a salvar vidas, é difícil acreditar, mas tem gente que se dedica a gravar mentiras para espalhar em mensagem de áudio”. E o repórter começa enfocando: “São dois os inimigos, um é o vírus. O outro são as mensagens que se espalham feito ele. Uma delas é atribuída ao ministro da Saúde. Luiz Henrique Mandetta”. Nas palavras da apresentadora e do repórter, fica evidente a preocupação do telejornal com os riscos causados pela disseminação de notícias

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

falsas, inclusive Renata fala que é difícil acreditar que estejam propagando tais notícias, e o repórter fala que as fake news são tão inimigas da sociedade quanto o vírus. Um médico é convocado para a reportagem para dizer que não há nada milagroso e que todos os tratamentos devem ser por ordem médica, que as pessoas devem acreditar nos médicos e não em mensagens passadas por WhatsApp. Esta fonte reitera a preocupação do programa com os riscos que envolvem a questão do coronavírus.

A etapa final do telejornal é composta por algumas notícias não envolvendo a covid-19, abordando assuntos políticos, climáticos e esportivos. De todo modo, isso deixa claro ao telespectador que, por as matérias sobre o coronavírus terem sido mostradas com preferência, o enfrentamento da pandemia foi a temática principal do jornalístico, a qual pautou toda a organização temática daquela edição. A pandemia organizou a edição e matérias que têm a perspectiva do risco de morte no seu contexto foram desenvolvidas no decorrer do telejornal.

A edição encerra anunciando uma boa notícia: o jornalista Marcelo Magno, apresentador da Rede Globo que estava internado na UTI e entubado para tratamento do coronavírus, havia sido retirado dos aparelhos de respiração mecânica e em breve deveria ser transferido para o quarto. A notícia produz sentidos de que apesar dos perigos do vírus, ele pode ser vencido e há cura, o que evidencia sentidos de esperança e de manter a calma, como foi reiterado no início do programa. Para encerrar o jornal de forma mais amena, a âncora Renata Vasconcellos convida todos a relaxar e se divertir vendo o primeiro capítulo da novela “Fina Estampa”, que seria apresentado na sequência.

Considerando a íntegra das reportagens sobre o COVID-19 veiculadas no Jornal Nacional na edição de 23 de março de 2020, é perceptível que em todas elas estava presente o risco de morte ou a própria morte. Ao mostrar que um membro das equipes de combate à doença estava em isolamento domiciliar por ter contraído o vírus, infere ao telespectador a ideia que nenhuma pessoa, independente de sua classe social, está livre do contágio.

5. Considerações Finais

Em tempos de pandemia, o jornalismo se mostra como um espaço de transmissão de informações com seriedade, como um meio de manutenção do público esclarecido sobre os

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

riscos que sofre diante de um vírus espalhado em nível mundial e como um espaço de preservação da vida.

Ao falarmos de telejornalismo, as pautas que indicam a morte são comuns e levadas ao ar diariamente. Elas, muitas vezes, são abordadas e esmiuçadas aos olhos dos espectadores, com os mais diversos detalhes sendo apresentados e explorados. E, em tempos de coronavírus, a morte acaba sendo um resultado de um problema tão devastador e faz parte da pauta diária dos telejornais, inclusive do Jornal Nacional. Da mesma forma que a morte, a divulgação do risco de ela ocorrer devido à pandemia também tem sido observada nas transmissões do telejornal.

O JN tem feito grandes coberturas sobre o tema coronavírus e sobre suas implicações sociais. Ele tem prezado pelo papel de informar e de ser ativo na construção da cidadania. E tem mantido o seu estilo baseado na apresentação de informações com caráter sério e informativo. O telejornal tem buscado fazer pontuações sobre o vírus baseadas na prestação de informações para a sociedade e na preservação da vida. Matérias de cunho informativo têm sido evidentes, as quais contam com diversas fontes, inclusive, diversas delas especializadas em saúde, e com muitos recursos em âmbito gráfico.

A edição do JN do dia 23 de março de 2020, que foi analisada neste estudo, teve seu delineamento norteado pelo assunto do coronavírus. Na edição, novas práticas se mostraram para falar do assunto pandemia, cabendo destacar a forma como Bonner e Vasconcellos introduziram o programa, fazendo uma espécie de diálogo pedindo calma ao público diante de cenário mundial e falando sobre os riscos que todos estão passando. No decorrer da edição, o uso de recursos gráficos também pode ser destacado, pois eles são inseridos nas reportagens com fim de ilustrar a presença do coronavírus e a sua disseminação, o que serve para colocar a sociedade em vigilância em relação ao vírus, à morte e aos riscos de morte.

O decorrer da edição foi norteado e organizado pela apresentação da temática do coronavírus. Houve repetições maciças a respeito das medidas de prevenção e da importância da observância das mesmas. Tais informações foram somadas a dados sobre números de casos e mortes confirmadas e agregadas às informações de insuficiência de equipamentos hospitalares de tratamento para toda população. A edição do JN analisada deixou claro ao

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

cidadão que não só a morte, mas o risco de morte está em evidência. É inquestionável que o informativo destinou quase a integralidade de seu tempo para cobertura do vírus, explicando e explorando a pandemia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rafael. **Tudo sobre o coronavírus - Covid-19: da origem à chegada ao Brasil. ESTADO DE MINAS. 2020.** Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml. Acesso em: 8 de abril de 2020.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentidos ocultos dos ritos mortuários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BRUSTOLIN, Leomar Antonio. Apresentação. In BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org). **Morte: uma abordagem para a vida.** Porto Alegre: EST Edições, 2007

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIAVENATO, José Júlio. **A morte: uma abordagem sociocultural.** São Paulo: Moderna, 1998.

DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito** (org e trad), Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

FIOCRUZ. **Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19?** Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 8 de abril de 2020.

G1. **Europa já tem mais de 50 mil mortos por causa do novo coronavírus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/06/europa-ja-tem-mais-de-50-mil-mortos-por-causa-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em 12 de abril de 2020.

G1. **Estados Unidos registram 1.920 mortes por coronavírus em 24 horas, apontam dados da Johns Hopkins.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/12/estados-unidos-registram-1920-mortes-por-coronavirus-em-24-horas-apontam-dados-da-johns-hopkins.ghtml>. Acesso em 12 de abril de 2020.

G1. **Brasil tem 1.223 mortes e 22.169 casos confirmados de coronavírus, diz ministério.** Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/12/brasil-tem-1223-mortes-e-22169-casos-confirmados-de-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em 12 de abril de 2020.

NEGRINI, Michele; REDÜ, Natália. A PERSPECTIVA DO RISCO DE MORTE NO JORNAL NACIONAL: PONDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA NA COBERTURA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL.

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.

GOMES, Itania. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da Ditadura Militar. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, p. 5-14, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7537/5402>>, acesso em 21 de outubro de 2015.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 2002.

NEGRINI, Michele. **A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro**. Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do RS, 2010.

NEGRINI, Michele. **Telejornalismo em análise: considerações sobre gênero televisivo e modos de endereçamento**. Atura Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 1, p. 99-119, jan-abr. 2018.

NODARI, Paulo César. Breves considerações filosóficas acerca da morte. In BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org). **Morte: uma abordagem para a vida**. Porto Alegre: EST Edições, 2007

OPAS. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 8 de abril de 2020.

PORTAL TERRA. **Bom de Ibope: ‘JN’ se aproxima dos 30 pontos de média no ano**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/bom-de-ibope-jn-se-aproxima-dos-30-pontos-de-media-no-ano,b40044f0fe3a0f13adb74a0cc7ca918e2qqn6w6c.html>. Acesso e: 13 de abril de 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. 2020. **Brasil passa dos 100 mil mortos por Covid-19**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/08/brasil-chega-a-100-mil-mortos-por-covid-19.htm>. Acesso em: 16 de agosto de 2020.

Recebido em 17/12/2020

Aprovado em 27/12/2020